

Uma introdução à obra e ao pensamento de Donald Meltzer^[1]

MEG HARRIS WILLIAMS

TRADUÇÃO: ESTANISLAU ALVES DA SILVA FILHO

PRIMEIRA SESSÃO

Panorama

Vou iniciar com algumas palavras introdutórias sobre Meltzer, sobre sua vida e sua postura com relação à psicanálise. Pretendo, assim, seguir elaborando tais coisas por meio de seus principais conceitos, de maneira consecutiva - não necessariamente seguindo uma ordem cronológica, mas, sim, tal como espero, de modo a entrelaçá-los em uma trama coerente, fazendo um retrato de seu próprio retrato.

Meltzer escreveu muitos livros e artigos. Mesmo assim, ele nunca alegou ser um escritor criativo e, embora ocasionalmente apareçam passagens muito poéticas, os livros em si são basicamente os registros de um *work in progress*, bem como ele sempre insistiu. Ele era “imaginativo”, como dizia, não na sua escrita, mas apenas no consultório.

Da mesma forma a função da psicanálise, dizia ele, era a de “atear fogo” na mente de seu paciente (ecoando uma observação também feita por Bion). É uma visão que se opõe à de muitos analistas anteriores, incluindo talvez a do próprio Freud. Necessita-se da psicanálise para atizar o emocional, não para diminuí-lo.

1. Conversas realizadas em St Marylebone Healing and Counselling Centre e na Associação Psicanalítica de Biella, 2009.

O inimigo não é a paixão, mas seu negativo, a anti-emotividade ou a anulação do conflito estético.

Apesar de Meltzer ter passado muitos anos trabalhando com pacientes difíceis, esquizofrênicos e autistas, ele foi caminhando lenta, mas definitivamente, para um entendimento de que o estudo do desenvolvimento normal é mais complexo e gratificante. A psicopatologia pode aparentar ser complicada, mas, na verdade, esta seria uma impressão superficial, tal como ocorre com as mentiras que (de acordo com Bion) são inventadas pela personalidade, enquanto que a verdade não pode ser fabricada e precisa ser descoberta. É a verdade do desenvolvimento normal que é surpreendente e difícil de compreender, de modo que quando atingirmos uma melhor compreensão do que acontece no desenvolvimento normal, será muito mais fácil enxergar em que ponto a patologia faz o processo emperrar ou ser desviado em qualquer insanidade ou anti-pensamento. Meltzer viu isso como uma ligeira mudança de ênfase no ponto de vista da Sra. Klein, que era o de que o desenvolvimento normal é fácil e natural, desdobrando-se como uma flor, dado um ambiente suficientemente nutritivo. Graças às ideias de Bion, tornou-se mais relevante concentrar-se na dificuldade do desenvolvimento normal e sua diferenciação da simples adaptação à família ou às expectativas culturais. O objetivo da psicanálise não seria o de curar os sintomas ou o de tornar o paciente respeitável, mas, sim, o de introduzir o paciente a si mesmo, para que ele possa digerir a verdade sobre si mesmo, o que, em seguida, permitirá que sua mente cresça.

Foi isso o que levou à necessidade – fortemente sentida por ambos, Bion e Meltzer – de se expandir a dimensão estética da psicanálise e fazer ligações com arte e a literatura. Arte e literatura já possuíam séculos de experiência no fomento da centelha vital do desenvolvimento e apresentar isso como um exemplo ou um modelo – precisamente do jeito como foi, de fato, realizado – era necessário para a qualidade terapêutica da relação entre analista e analisando. Isso era muito diferente da concepção freudiana original de psicopatografia – de cujo limitado poder explicativo o próprio Freud já nos tinha avisado. A natureza das ligações que precisavam ser feitas com a arte e a literatura eram de cunho vital, e não de colonização e explicação.

Neste contexto, a grande marca da visão de Meltzer sobre a psicanálise foi, talvez, a observação (feita em seu primeiro livro) de que, no sentido do “desmame”,

o processo psicanalítico vem a ser experimentado como um processo estético. Uma vez que a psicanálise esteja identificada a uma experiência estética *em si*, disciplinas artísticas passam a ter uma nova relevância para a psicanálise, o que se fundamenta numa exigência paralela, tanto para o analista quanto para o analisando, de se ter “fé” no processo enquanto um objeto estético (*The Psychoanalytical Process*, p. 92).

Meltzer, em si, não era uma pessoa da literatura; contudo, depois de ter vindo viver em nossa literária família, ele se tornou viciado em livros. Não obstante, há muito tempo ele já tinha se viciado em arte, assim como sabia muito sobre a filosofia da estética. Ele datava o início desse interesse no momento em que, quando tinha oito anos de idade, seus abastados pais o levaram para passar seis meses longe de casa e do trabalho em Nova York, em um Grand Tour pela Europa para ver arte e cultura, inclusive comissionando e comprando pinturas pelo caminho.

Um livro que ele lembrava como de grande influência em sua infância era *Winnie the Pooh* [Ursinho Pooh], que, segundo ele, transformou-o em um anglófilo. E depois de *Winnie the Pooh* veio Melanie Klein. Certamente ele sentiu que Melanie Klein apresentou-o a si mesmo.

Depois de estudar medicina e praticar psiquiatria infantil nos Estados Unidos, veio a oportunidade, no final da guerra, de viajar para a Europa novamente, quando já estava determinado a procurar análise com ela. Ele disse às autoridades que iria “matar alguém” caso não tivesse a chance de ir para a Inglaterra e parar no divã dela. Descreveu sua análise com ela como uma “cavalgada selvagem”. (Ele era um grande amante de cavalos.) Vou citar uma carta que escreveu a um amigo que lhe perguntou sobre suas recordações:

Ela era, mesmo em seus 70 anos, uma mulher bonita, apaixonada por grandes chapéus e por vestir-se bem. Ela morava sozinha com uma empregada e uma secretária visitante, além de seu gato, em uma casa de bom tamanho e com um andar em Hampstead, em uma colina com uma bela vista. Comigo, um paciente, ela era muito formal, mas não fria, atenciosa, observadora, e também falava bastante, indo sempre no ponto, plena de suas observações. Nos momentos de colapso, catástrofe ou infelicidade ela parecia muito forte e destemida. Eu sabia de situações públicas em que ela poderia ser agressiva

e depreciativa, mas ela nunca foi assim comigo durante as sessões. Ela parecia imune à sedução ou à bajulação, mas poderia ser muito ambígua sobre o sentimento pessoal para com o analisando. O resultado foi que, através dos anos de análise, eu nunca realmente senti que ela gostava de mim, nem tampouco deveria. Ela tocava piano e tinha um bem grande em sua sala, sendo que levou alguns anos para que eu o visse. Seu gato de vez em quando vinha ao consultório, o que me incomodava. Ela era meticulosa quanto à pontualidade, quanto às suas contas e datas de feriado. Sua memória pareceu notável até o fim. (*A Meltzer reader*, p. 131)

Quando Klein morreu, ele de fato ainda estava em análise com ela, mas apesar de ser compelido por alguns membros seniores da comunidade psicanalítica a continuar a análise com outra pessoa, nunca o fez, e nunca se arrependeu. Talvez esse tenha sido o início de sua divergência com a Sociedade Britânica; e, também, o início de seu modo de enxergar (tal como Bion) que, essencialmente, o que o analisando aprende e adquire com o analista é a introjeção de um processo de auto-análise que, se genuíno, estará suficientemente estabelecido para continuar funcionando. Uma pessoa nunca pode ser curada de ser ela mesma.

Mais tarde, Meltzer deixou formalmente a Sociedade Britânica, devido a suas opiniões sobre a formação psicanalítica. Acreditava que a psicanálise estava correndo o perigo de ser convertida em uma instituição de controle do pensamento e de tirania, sendo que ele nunca hesitou em declarar esta sua visão. Ele próprio era sempre apaixonadamente interessado em ensinar, pois acreditava que a psicanálise só iria continuar a viver através de seus praticantes, mais do que através de livros e teorias. Martha Harris (que fez supervisão com ambos, Klein e Bion) arranhou para que ele ensinasse a teoria psicanalítica para os alunos de psicoterapia na Clínica Tavistock, nas palestras que posteriormente vieram a ser *O desenvolvimento kleiniano* (1978). O ambiente de ensino da Tavistock, naquela época, era muito mais próximo e empenhado no sentido de um “aprender com a experiência” – como na definição especial de Bion –, e contrastava com o que Meltzer sentia como sendo a rigidez do grupo kleiniano. Os princípios educacionais de minha mãe tinham como meta serem “possibilitadores e inspiradores” ao invés de dogmatizadores, e a partir desse momento eles perseguiram estes princípios no trabalho com muitos

grupos psicanalíticos em diferentes países. (Meltzer já estava ensinando regularmente na América do Sul, e minha mãe, na Itália.)

Provavelmente, as principais influências psicanalíticas sobre o pensamento de Meltzer, além de Klein e Bion, foram: Martha Harris, Esther Bick e Roger Money-Kyrle. Ele esteve interessado no trabalho inicial de Hanna Segal com os símbolos e equações simbólicas, mas sentiu que depois disso não houve realmente um desenvolvimento. Money-Kyrle era alguém que ele respeitava por sua atitude de não-julgar, por sua integridade e por seu conhecimento filosófico. Bick e Harris, juntas, trouxeram “o bebê” a seu trabalho pessoal, centrado na criança, e abriu-se, aí, um campo de observação que o levou diretamente à teoria do conflito estético, ao coração da sua visão mais madura acerca do desenvolvimento da personalidade.

Conceitos de Meltzer

Agora, gostaria de falar sobre alguns dos conceitos-chave meltzerianos, discutindo-os um por um. Alguns deles podem ser chamados de conceitos e outros de teorias; de qualquer forma, são termos que ele considerava úteis e sem os quais não poderia ficar, de modo que eram adendos ou extensões à terminologia kleiniana padrão, reconhecidamente, a fantasia, a separação, a identificação, as posições paranoídes e esquizoides, e os objetos parciais – todos eles componentes essenciais do seu modelo da mente.

Como Bion, Meltzer viu a psicanálise como uma arte-ciência, que ainda se encontra em seus estágios iniciais, que se deve concentrar em aprender a observar e a descrever os eventos mentais que ocorrem nas sessões. Ele sempre alertou, porém, que a teoria não deve ser confundida com a explicação. Sua opinião era a de que a teoria é necessária a fim de tornar a observação possível. Fenômenos familiares poderiam ser demarcados a partir de fenômenos estranhos, os quais só são observáveis fora do quadro teórico. Nesse sentido, a cada vez é possível expandir a teoria existente um pouco mais, de modo a possibilitar novas observações.

A transferência pré-formada e a colheita da transferência

Meltzer faz distinção entre a verdadeira transferência (a relação atual) e os preconceitos trazidos pelo analisando, os quais ele denominou de transferência pré-formada. A razão para isso é por sua prática ter se ampliado desde o trabalho

com crianças – já que elas não possuem nenhuma transferência pré-formada, considerando-se que ainda não leem nenhuma literatura psicanalítica –, tornando-se muito evidente para ele que existia um problema com pacientes adultos que não ocorria lá com as crianças, de modo que o analista poderia facilmente escorregar para a realização de algo que era *apenas como* uma análise, mas que, na verdade, não incluía – e eis o problema – uma verdadeira relação transferencial. Talvez o paciente não possa ajudar deixando de ter suas concepções; mas é trabalho do analista ajudar a evaporá-las.

Na mesma linha, ele estabeleceu um princípio de não selecionar pacientes, aceitando, se tivesse vaga, qualquer pessoa que solicitasse análise. Mais uma vez estava preocupado com a possibilidade de o analista ser facilmente seduzido, particularmente, neste caso, a aceitar apenas os pacientes “típicos”, o que bloquearia as possibilidades de se ter uma nova experiência. Não obstante, ele defendia que um paciente deveria trazer sonhos, caso contrário não poderia haver trabalho entre eles. Sonhos, para ele, eram a única garantia de autenticidade, fazendo com que fosse possível uma verdadeira transferência, como algo distinto de uma pseudotransferência. Ele terminaria o relacionamento caso sentisse que o paciente estava se recusando a cooperar não trazendo sonhos.

Ele descreve a transferência pré-formada em seu primeiro livro, *O processo psicanalítico* (1967), no qual estabelece o seu ponto de vista especial a respeito da “história natural” do processo. Bion também descreve a “evolução” da análise, mas não com o mesmo detalhamento em etapas características, algo que remonta a um dos amores de Meltzer por árvores e a forma como o crescimento delas fica marcado na formação do tronco, da casca e dos galhos.

Uma visão expandida da identificação

1. Identificação projetiva e identificação intrusiva

Estes dois tipos de identificação assinalam uma distinção entre a identificação projetiva comunicativa (essencial para o desenvolvimento) e as tentativas patológicas de se controlar a mãe/objeto. Tal distinção ficou clara para Meltzer, no contexto do estudo da obra de Bion, e está exposta em *Studies in extended metapsychology*. Usando a pequena fórmula de Bion $Ps \leftarrow \rightarrow D$, que descreve a oscilação contínua da orientação mental, Meltzer esclareceu como a visão original de Klein, sobre

as *fases* de desenvolvimento das posições esquizoparanóide e depressiva, precisava ser revista, para que fosse, ao invés disso, entendida como se tratando de um *campo* no qual atitudes opostas buscam soberania continuamente e cuja dominância é constantemente trocada. (Ele dizia que Klein, ela mesma, trabalhava com a ideia de campo, mas que isso não tinha sido teoricamente exposto como tal.)

A imagem que surge ao final disto é a de que, no diálogo do bebê com a mãe, a identificação projetiva comunicativa e a identificação introjetiva são movimentos complementares que precisam trabalhar em conjunto. A identificação intrusiva, por outro lado, é uma característica da posição esquizoparanóide e representa o controle tirânico do bebê.

E independentemente do momento em especial, todo ser humano tem uma mentalidade complexa, que inclui tanto as atitudes questionadoras quanto as paranoicas. Isto foi outro resultado da revisão que transformou “fase” em “campo”. Essencialmente, são os modos de relacionamento mãe-bebê *internos* que estão sob observação: aquele que existe perpetuamente e aquele que é continuamente revisado por si mesmo através do conflito entre as forças de desenvolvimento e antidesenvolvimento.

2. Identificação adesiva

Outro refinamento que Meltzer fez à visão da Sra. Klein, quanto aos processos de identificação, foi acerca da identificação adesiva. Este conceito fora trabalhado juntamente com Esther Bick, quando eles observaram formações de segunda pele em bebês que não conseguiram alcançar uma dependência confiante em sua mãe. As crianças autistas, diferentemente, demonstravam um outro meio de fuga, tal como se tornou evidente em seu trabalho de supervisão de casos clínicos em *Explorations in autism* (1975). Nesse livro, Meltzer descreve como essas crianças separam seus sentidos, experimentando apenas uma coisa de cada vez, e da mesma forma “desmantelam” o seu objeto, sendo isto algo distinto do atacá-lo ou do invadí-lo. Nenhuma destas mentes é do tipo $Ps \leftarrow \rightarrow D$. Ainda assim, a predisposição artística de muitas destas crianças alertou Meltzer à geografia da mãe interna e às diferentes qualidades de seus próprios espaços internos. Isto iria conduzir ao reconhecimento do poderoso impacto da experiência sensorial completa, o que resultou na “apreensão da beleza”, e nas várias formas de reagir contra ela.

Conflito estético

Esta é a reinterpretação de Meltzer do conceito psicanalítico de ambivalência. Sua visão da tradicional dicotomia kleiniana entre inveja e gratidão, estados paranóicos e estados depressivos, foi gradualmente reconfigurando-se, como um resultado do intrincamento entre o material clínico, o pensamento de Bion, a observação de bebês e, mais recentemente, da familiaridade com os poetas ingleses. O termo “conflito estético” deriva do *hateful siege of contraries* [“abominável cerco de contrários”], que é vivido pelo Satanás de Milton em suas concomitantes primeira visão da beleza do mundo e sua inveja para com a possibilidade de que Deus tenha criado aquilo para algum bebê que não fosse ele mesmo. Ao invés dos instintos de vida e de morte, portanto, temos a tensão entre o amor e o ódio da mãe ou do objeto, que se inicia a partir do momento do nascimento. Disso se segue que é o objeto presente e não o objeto ausente que desperta o conflito, cuja mente infantil deverá encontrar meios de digerir. Isto se harmoniza com o que os poetas demonstram, sendo a chave para ver o desenvolvimento normal como mais complexo do que a patologia. A “nova ideia”, em qualquer fase da vida, é sempre um re-experimentar a beleza do mundo, que para o bebê aparece em primeiro lugar em sua mãe e que é reciprocamente correspondido por ela.

Meltzer descreve essa configuração original do conflito estético da seguinte forma:

Nenhum evento da vida adulta é tão calculadamente projetado para despertar o nosso maravilhamento com a beleza e a nossa admiração com o intrincado funcionamento do que chamamos de Natureza (já que atualmente hesitamos em nos referir às primeiras causas) como os eventos de procriação. Nenhuma flor ou pássaro de plumagem linda nos impõe tão fortemente o mistério da experiência estética quanto a visão de uma jovem mãe com seu bebê e seu seio. Entramos em tal berçário tal como em uma catedral ou em uma das grandes florestas da costa do Pacífico, sem fazer barulho, com a cabeça descoberta em sinal de respeito. As pequenas conversas de rádio que Winnicott brandia, há muitos anos atrás, sobre a mãe dedicada comum e seu bebê poderiam muito bem ter falado da “bela mãe dedicada comum e seu belo bebê comum”. Ele

estava certo em usar essa palavra “comum”, com seus tons de regularidade e singularidade, ao invés da “média” estatística. A experiência estética da mãe com seu bebê é normal, regular, costumeira, pois tem milênios de anos atrás dela, desde que o homem viu pela primeira vez o mundo “como” belo. E nós sabemos que isso remonta, pelo menos, até a última glaciação. (The apprehension of beauty, 1988, p. 16)

Isso remonta aos primórdios do *homo sapiens*, que sobreviveu à idade do gelo e aos primórdios da aparição da mente humana, apresentando uma visão mais esperançosa da evolução do que algumas teorias, uma vez que sugere que a experiência do homem com a beleza talvez não seja tão inútil quanto possa parecer, e que, na verdade, pode estar estreitamente relacionada com o crescimento da sabedoria – com a capacidade para metaforicamente, bem como literalmente, sobreviver à Idade do gelo. A primeira experiência de beatificação, que Meltzer chama de “o deslumbramento do nascer do sol”, precede o recuo esquizoparanóide do conflito estético embora seja de curta duração, além de poder ser “esquecido”, ele nunca poderá ser apagado da mente humana. Quando Bion coloca a questão: “sabedoria ou esquecimento? – faça a sua escolha”, a resposta é: a apreensão do belo é que mostra o caminho a seguir.

(Como um exemplo da aplicação dessa teoria, Romana Negri mostrou que o progresso dos recém-nascidos prematuros pode estar diretamente relacionado à compreensão de serem experientados como belos e do quanto isso incentiva a sua própria consensualidade e, daí, a sua vitalidade psíquica, em períodos muito anteriores àqueles em que é possível se falar em integração.)

Após o impacto inicial da beleza exterior da mãe, vem o desejo de conhecer as qualidades interiores dela, o que desperta o instinto epistomofílico e inicia o conflito de identificações. O vínculo K (o desejo de conhecer) – diz Meltzer usando a terminologia de Bion – “resgata a relação do impasse”; e a reciprocidade estética que emana da mãe – inicialmente, da mãe externa, mas, realmente, da mãe interna – fornece o recipiente mental para o engajamento e a exploração do mundo do bebê.

A nova visão (estética) da guerra interna agora não depende do prazer *versus* dor, ou mesmo da inveja contra a gratidão, mas da emocionalidade (agitada

pela beleza) *versus* a antiemotividade (o retraimento da beleza). Nas palavras de Meltzer (com base em sua leitura de Bion), o mental e o protomental agora passam a “competir pela alma da criança”.

Isso também afeta a visão do método psicanalítico e a atitude do analista ante a tarefa. Em *A apreensão do belo*, Meltzer pode trazer à tona aquilo que sugeriu no início de *O processo psicanalítico*, a saber, que os analistas também têm de sustentar o “conflito estético em seu caso de amor com o método psicanalítico” (*The apprehension of beauty*, p. 22). A teoria do conflito estético permite uma nova compreensão dos tipos particulares de frustração, que pertencem à contratransferência (a respeito dos quais mais será dito posteriormente).

Porque, como Bion também diz, é o analista, não o paciente, que está na posição de ser o bebê recém-nascido no início de cada sessão. É o analista que a cada vez tem que rastejar para fora de sua caverna glacial e vislumbrar o nascer do sol. E Meltzer, especialmente em suas conversas e escritos posteriores, sublinha a dimensão religiosa da dependência do analista aos objetos internos. Tal como ele escreveu em uma passagem para um livro sobre bebês do Grupo Psicanalítico de Barcelona, este nascer do sol realmente tem o sentido de uma “inteligência ádvena” [*extraneous intelligence* - N.T.: ádvena, de adventício, que vem de fora, extrínseco, com ares de advento]:

Esta é uma tentativa de formular uma metapsicologia do recém-nascido: a sua solidão entre as mamadas, a ignorância à mentalidade da mãe, educado apenas pelo ritmo de seus cuidados, incapaz de formar símbolos e de ter sonhos significativos, limitado às sensações, que na melhor das hipóteses são as episódicas de recolhimento, sem nem mesmo linearidade, à beira do caos. Não é de se surpreender que isso venha a soar como no *Genesis*. No princípio era a nutrição. O que fazemos é apostar na galvanização da inteligência pela atenção à polaridade, pois no princípio não está o infinito informe, mas a placenta como o objeto de nutrição primária. Poderíamos chamar isso de a experiência de surpresa, e reescrevermos nossa gênese como um processo que começa com o nascimento e o pânico sendo aliviados pela surpresa, não só pela surpresa de encontrar o seio, mas pela surpresa em se encontrar com uma inteligência ádvena, o início da religião revelada. Todas as funções descritas

são os frutos da identificação com a inteligência ádvena. No início das relações, objeto e identificação são simultâneos.

E esta é talvez a principal diferença entre Meltzer e os teóricos do vínculo. Onde eles enfatizam a mãe externa literal, Meltzer – seguindo Klein, e junto com a maioria dos filósofos da estética – enfatiza a realidade interna ou psíquica, à qual as características e condições externas são simplesmente um estímulo. A inteligência ádvena, ou Deus, é, na verdade interna, embora seja experimentada como vindo de um além do self. Nos primeiros dias do psique-soma ou do corpo-ego, a placenta, ou o seio, é literalmente o objeto nutridor, mas o significado ligado a ele vem de dentro e representa “o início da religião revelada”.

Na sessão seguinte vou falar mais sobre a interpretação de Meltzer acerca do “objeto combinado” da Sra. Klein e retomarei alguns dos mesmos pontos por meio de alguns de seus outros conceitos, concluindo com um enfoque aos sonhos e à formação de símbolos.

SEGUNDA SESSÃO

A sessão da manhã terminou com a surpresa da criança ao descobrir uma inteligência alheia [*extraneous intelligence*] e com a sua religiosidade essencial; e também com o quanto isso é importante não apenas para pensar sobre crianças reais, mas também pela modificação que isso produz à imagem que Meltzer faz do método psicanalítico.

O objeto combinado

Este conceito, que é uma derivação da ideia do complexo de Édipo, não parece ser comumente usado por kleinianos, mesmo que não existam dúvidas quanto a Melanie Klein o ter formulado e, como disse Meltzer, o ter “descoberto” através de seu trabalho com Richard. Quando tal coisa nadou pela primeira vez em sua *ken* (como diria Keats), quer dizer, quando esta figura nadou na compreensão de Melanie Klein, soou como uma entidade ou fantasia bastante obscura e opressiva, quase que com implicações sinistras. De fato, para a própria Sra. Klein isso teve o impacto estético de uma nova ideia. Na sua forma mais primitiva, o objeto combinado consiste no peito-e-mamilo, o continente e os meios de acesso; e isso se funde

na ideia da mãe e do pai em conjunção sexual que, na fantasia, pode ter todo um espectro de significados. Meltzer, no entanto, adotou a ideia do objeto combinado como divindade interna. Munido tanto do conceito de mudança catastrófica de Bion quanto do conceito de conflito estético – o qual admite a escuridão e a ambiguidade para dentro do mistério do objeto estético –, ele viu o objeto combinado como uma força desenvolvimental necessária e benéfica, presente igualmente no coração do desenvolvimento do bebê e no da experiência psicanalítica.

Um dos aspectos do objeto combinado é o de **seio-latrina**, um conceito formulado por Meltzer muito precocemente (conferir 1967) – um conceito que, mais uma vez, parece não ter sido adotado por kleinianos posteriores. Ele foi, sem dúvida, muito importante para Meltzer. O significado do seio, tal como o da placenta, encontra-se não apenas na sua capacidade enquanto um objeto de nutrição, mas, também, enquanto um objeto de limpeza; a eliminação de resíduos é tão importante quanto a ingestão da alimentação, e parte de todo um processo de digestão mental. Como Bion sempre diz, precisamos olhar para – e desde – ambas as extremidades do canal alimentar.

Isso nos leva à visão de Meltzer acerca da sexualidade.

Sexualidade

De acordo com Freud, Meltzer via a sexualidade como a chave para tudo – não apenas no sentido limitado de ação física, mas no sentido mais amplo de combinações, projeções e introjeções, que constituem o desenvolvimento da personalidade. Em *Sexual states of mind* (1973, seu segundo livro), ele diferencia a sexualidade infantil da adulta, a sexualidade infantil polimorfa da infantil perversa, e a perversidade da exploração psicosexual – especialmente no caso de adolescentes. A sexualidade não é um mero impulso ou apetite, mas algo que estrutura a identidade. E a chave para seu significado não reside na ação física, mas na fantasia inconsciente que está por trás dela. Isto se relaciona intimamente com o conceito do objeto combinado, já que a fantasia-chave por trás de qualquer estado mental é a de uma cena primal de tipo particular. A natureza da fantasia da cena primária, que é como se fosse o “por trás da cena”, é o que rege a fantasia como um todo. Neste sentido, o objeto combinado, ou a visão que o bebê tem dela, está no coração do significado de sua experiência.

O amor de Meltzer pela arte também contribuiu para a sua revisão da atitude psicanalítica quanto à sexualidade. Ele recriminou julgamentos simplistas sobre o que é arte e sobre o que é pornografia, uma vez que ele estava ciente de que não é o conteúdo superficial que constitui o significado de uma obra de arte; ao contrário, é a estrutura formal, da qual a iconografia é apenas um elemento. Daí o fato comumente observado de que uma bela obra pode ter um tema feio. O assunto real, ou profundo, não é o da superfície ou o do que é literal, mas aquele apresentado através das qualidades estéticas do trabalho. Em crítica poética isso é conhecido como “gramática profunda”; e na estética pode ser conhecido como “forma de apresentação”, como algo distinto de “forma discursiva”. Paralelamente a isso, o significado da conjunção sexual do objeto combinado interno é oculto, não transparente. Assim, esta é a chave para a diferença entre a identificação intrusiva (como pornografia) e identificação comunicativa.

Isso nos leva de volta para a geografia do corpo da mãe, especialmente do corpo da mãe interna, que é totalmente descrito em *The Claustrom*.

O Claustrom

O livro *The Claustrom* (1992) se parecia com *The apprehension of beauty* e faz um balanço de suas implicações; muitas coisas são esclarecidas em retrospectiva, e uma imagem mais completa emerge no que se refere a como a psicopatologia se encaixa neste novo modelo estético, enquanto seu negativo ou como mecanismo de defesa.

O Claustro está preocupado com a identificação intrusiva; é um conceito que exige uma distinção qualitativa entre os tipos invasivos e comunicativos de identificação projetiva, não apenas baseando-se na ideia de identificação projetiva “massiva”, tal como estava previamente estabelecido na teoria kleiniana. A vida no claustro está associada com a culpa como sendo algo distinto do remorso.

Um artigo bastante conhecido – um dos primeiros que ele escreveu – a respeito de masturbação anal, foi outro importante elemento na construção desta apreensão na qual o conflito estético torna-se a constelação emocional organizadora por trás de todas as formas de sexualidade. Foi este o ponto de partida para o livro *The Claustrom*, que é onde Meltzer expande e desenvolve o conceito de identificação intrusiva em três áreas do corpo da mãe interna: a cabeça-seio, a genital e a

retal. A fonte de todas as patologias e perversões, vícios, onipotências, narcisismos e medos, deriva do tomar como habitação uma ou outra destas câmaras claustrais do corpo da mãe interna. Cada uma delas oferece prazeres egoístas específicos, conquanto a entrada em qualquer uma delas represente um fracasso em se tolerar o conflito estético. Na verdade, Meltzer chegou a ver o rechaço ao conflito estético como a característica fundamental de todas as patologias.

Das três câmaras do claustro, a intrusão genital é a que tem maior efeito sobre a vida familiar, ao passo que as áreas mais relativas à política são a claustra retal e a cabeça-seio. Habitar a câmara genital resulta em ganância, em possessividade e avareza. Habitar a câmara retal resulta em tirania - uma situação sadomasoquista que causa danos aos bebês internos e que, provavelmente, se intensificará em danos às crianças externas, estas últimas na forma de outras pessoas da sociedade.

Viver no seio-cabeça resulta em pseudomaturidade. Nesta câmara não se tolera a ignorância - ela é um substituto da conscientização socrática ou do espaço bioniano de ausência de memória e de desejo. Meltzer descreveu tais coisas primeiramente em um artigo sobre a “ilusão de clareza de visão”. Trata-se de algo perigoso, em particular para o psicanalista, que resulta na incapacidade de confiar no processo como um objeto estético. Embora se assemelhe ao que às vezes é chamado de personalidade “como se”, é realmente mais tirânico, uma vez que o seu objetivo político é o de manipular outras pessoas. Os que habitam esta câmara estão sujeitos a terem bloqueada a capacidade de enxergar cada sessão como uma nova situação. É um impedimento ao observar e sentir a contratransferência. As pequenas mudanças que conduzem à movimentação da vida mental passam despercebidas diante de tais faróis ofuscantes - que são o oposto daquilo que Bion chamou de “facho de escuridão”.

Apesar de todas estas formas de psicopatologia serem bem conhecidas e de poderem ser entendidas simplesmente sob a tradicional alcunha da identificação projetiva, é o conceito de rechaço do conflito estético que ilumina a qualidade ilusória da vitalidade superficial do Claustro [algo que Bion também frisou constantemente - com a vitalidade sendo um requisito necessário para a realização de uma análise]. Meltzer também sustentou que a porta para o Claustro está “sempre aberta”; e que a saída se dá através do envolvimento com o conflito estético. Este último é equivalente a uma “chama luminosa” na mente do paciente, e é a tarefa

primordial do analista - e não o objetivo moralista proposto pelo *establishment* da teoria kleiniana, que se subordina à adaptação e à respeitabilidade. Meltzer escreveu que nunca se deparou com um paciente que não tivesse experimentado nenhum vislumbre do “deslumbramento ante o nascer do sol”.

Uma ilustração maravilhosa deste contraste pode ser encontrada no *Rei Lear* de Shakespeare, onde a mania de Edmund é colocada contra a aparente passividade de Edgar. Eles representam os aspectos falsos e verdadeiros da personalidade, o estético contra o claustrofóbico. Edmund acredita que é afrontoso e diligente, por ser filho ilegítimo - o que ele interpreta como sendo o fruto de um objeto combinado apaixonado; mas o seu vazio é revelado. Edgar parece ser louco e desajustado, mas ele é a força vital: ele alimenta a progressão constante dos velhos, Lear e Gloucester, em direção a suas mortes. Lear está associado com o grande fogo da raiva; Gloucester com o pequeno fogo da visão. Sua morte é realmente uma forma de renascimento - a mudança catastrófica de Bion em direção a um novo estado de ser -, expressa na coroação de Edgar como o novo rei.

Vida onírica e formação de símbolos

A grande estrutura simbólica de *Rei Lear* sugere que caminhemos rumo ao Modelo da Mente na visão de Meltzer no referente à vida onírica e à formação de símbolos. Sonhos e simbolizações estão no centro da sua imagem de vitalidade mental. De acordo com a própria definição freudiana de psicanálise, Meltzer disse uma vez que o único talento que ele descobriu em si mesmo foi o da leitura de sonhos. “O sonho é minha paisagem”, escreveu ele certa vez em uma carta. Foi aí que o seu interesse pela psicanálise começou, continuou e culminou.

Meltzer se interessava bastante pela filosofia da simbolização, particularmente pela tradição de Wittgenstein, Cassirer, Whitehead e Langer. Esta tradição se dedica de modo especial à distinção entre “formas de apresentação” e “formas discursivas”, mostrar e dizer - as limitações do significado consciente *versus* a riqueza de significado inconsciente. Foi no contexto desta tradição que em *Dream life* (1983) ele disse que estava tentando “formular uma teoria estética dos sonhos” (p. 29), que fosse apartada da teoria freudiana dos restos-diurnos nos sonhos, e que trouxesse a psicanálise para uma linha mais de acordo com as formas de arte tradicionais - tanto na sua metodologia quanto no seu foco em símbolos oníricos.

Sonhos individuais podem variar muito em sua qualidade estética. No entanto, eles contêm sempre infinitamente mais significados do que o paciente, ou o analista, podem verbalizar. Sobre esta estética potencializadora, Meltzer escreveu:

Pode-se observar que um número decisivo de estruturas centrais formais está sendo elaborado em justaposições, de modo a criar um espaço cintilante com significado potencializado. Às vezes, palavras e formas visuais precisam interagir... Em outras ocasiões, criam-se espaços como recipientes de significados. E em outras ocasiões mais, os movimentos de um tipo de espaço para outro, bem como as dificuldades emocionais *de se fazer tais movimentos, são desvelados*. (Dream life, p. 148)

Os sonhos, que são manifestações autênticas do drama dos objetos-parciais, são o material da psicanálise nos quais os aspectos do objeto combinado interno atuam como protagonistas em um “teatro de fantasia” – uma frase-chave que expressa a visão espacial de Meltzer acerca da vida mental. (De fato, ele sentia que alguns analistas tinham perdido o contato com o enfoque próprio de Melanie Klein à realidade psíquica das figuras de objetos-parciais concernentes ao mundo interno e com o espaço psíquico, ou os espaços, que elas habitam.)

Uma característica especial da teoria dos sonhos de Meltzer é a sua concepção de vida onírica como um *continuum* no qual o significado é gerado continuamente por objetos internos, mais do que inventados pelo *self*. A psicanálise, escreveu ele em seu livro homônimo, oferece uma “amostragem privilegiada” deste nível mais criativo do funcionamento mental do indivíduo. Na verdade, este é o único funcionamento que é verdadeiramente “mental”; todo o resto é ou protomental (na terminologia de Bion) ou discursivo – ou seja, se “diz” ao invés de se “mostrar” coisas, e o que pode ser “dito” é inevitavelmente muito menos complexo do que o que pode ser “mostrado” em sonhos ou em outros modos simbólicos, como as formas de arte. O local onde o crescimento mental ocorre é na vida onírica: “o crescimento ocorre tranquilamente na crisálida da vida onírica” (p. 177). Ela ocorre (ou atrofia) dependendo de privilegiarmos ou não a sua observação, e de se encontramos ou não uma interpretação razoavelmente correta para o sonho. Nos sonhos, a vida mental *acontece* e – como Keats diria – “o criativo cria a si mesmo”.

A vida onírica é, em si, uma forma de apresentação e precisamos receber as suas manifestações de forma congruente, através da língua da comunicação em vez do jargão do diagnóstico explicativo. Por esta razão, Meltzer preferiu falar de “exploração dos sonhos” ao invés de “análise dos sonhos”. Sua visão era a de que o paciente (ou melhor, o seu inconsciente) é a força criativa, e de qual tal coisa pode ser coaptada para enriquecer e melhorar a criatividade da análise, ajudando-a a progredir até o ponto em que ambos os parceiros estejam respondendo a ela como um objeto estético em si. Sonhos, disse ele, “vem para resgatar” o analista da sua própria pobreza de simbolização. Eles facilitam a evolução de uma linguagem privada entre o analista e o analisando, com base na longa narrativa da vida onírica do paciente. Isto é o que Bion chama de “a linguagem de consecução”.

Tenho certeza de que a exploração é o mais importante, o aspecto mais artístico do trabalho. A crescente identificação do paciente com o método exploratório do analista é uma base muito mais importante para o desenvolvimento gradual da capacidade auto-analítica do que qualquer esforço no sentido da formulação. (Dream life, p. 147)

O analista “se esforça para casar com a dicção poética” do sonho (aqui Meltzer toma emprestada a frase literária de Ella Sharpe). É uma preocupação estética que atesta o que ele entende como algo que está acontecendo entre a transferência e a contratransferência, ou seja, “a adequação da atenção do analista à cooperatividade do paciente” (*Studies in extended metapsychology*). De modo correspondente, o paciente vai tornando-se sensível ao modo próprio do analista de ouvir e indagar, e é isso que desenvolve a capacidade de autoanálise, que é onde repousa toda a esperança de uma análise real e durável.

Isso nos leva a um conceito bastante especial de Meltzer, muito similar à concepção de “*reverie*” de Bion, a saber, o sonho contratransferencial.

O sonho contratransferencial

Este é o estado de espírito necessário ao trabalho analítico quando se trata de uma comunicação mútua, que tem o seu lugar no presente, mesmo quando o seu conteúdo parece estar recordando o passado. Meltzer cuidadosamente diferencia

sonho de “emboscadas das *atividades* contratransferenciais”. Apesar de ter trabalhado com este conceito ao longo de toda a sua prática psicanalítica, sua descrição mais poética a respeito só foi escrita mais tardiamente:

O estado de observação é essencialmente um estado de repouso. E é, também, um estado de mais alta vigilância. Comparo-o à espera por um cervo pastando à noite, no escuro, que só será visto pelo cintilar de sua cauda branca. Esta vigilância noturna é um estado de alerta para com o movimento da presa, movimentos mínimos de um objeto-parcial dos quais, com paciência, se poderá extrair a formação de um padrão de significado incipiente “moldado antecipadamente”. Esta captura de um significado incipiente anteriormente delineado é uma função da imaginação receptiva – que se abre à possibilidade sem se preocupar com a probabilidade. Como se trata de algo rico em suspense, necessariamente é fatigante e repleto de ansiedade. É uma prova de força – e de fé –, que dá corpo a termos como resistência ou retirada. E, mesmo assim, trata-se de um gerador de poesia.

Em suma, a contratransferência é uma experiência emocional que deve ser capturada em seus sonhos. Mas o paciente deve comparecer ao analista para sua interpretação. E como é que ele saberá do que está falando? Ele não saberá – ele “contra-sonhará”; ele, de fato, terá trocado o “pensar” (ciência) pelo intuir (arte, poesia): a tradição verbal de Homero.

(Escrito por Meg Harris Williams em *The vale of soulmaking*, 2005, p. 182)

A “fundação da veracidade reside na qualidade da observação”, tal como escreveu em *The apprehension of beauty* (p. 203). A observação acurada depende da aquisição de um estado de espírito que ele denomina de sonho contratransferencial, no qual uma conversa entre os objetos internos do analista e do analisando é estabelecida (*Dream life*, p. 46). Ou, como ele diz em outro lugar: Se não fosse pela transferência dos objetos internos, seríamos absolutamente incapazes de ajudar

os nossos pacientes... é isso que parece nos permitir desempenhar funções essenciais para o paciente, para o desenvolvimento de seu pensamento.

Além disso, este tipo de relacionamento não se aplica apenas ao que ocorre no interior da sessão analítica, mas, também, ainda que de uma forma menos intensa, à supervisão. Meltzer sempre gostou muito de supervisionar material clínico – estando sempre interessado unicamente no material e não na interpretação que o terapeuta fazia dele. Ele dizia que isso era como tocar numa orquestra, e não como a condução de uma *masterclass*. É o material clínico que permite ao supervisor participar da sessão recordada e trazê-la viva ao presente:

É muito exatamente no espírito psicanalítico que ela se destina a ser uma situação de nutrição – não o de uma alimentação forçada, mas uma situação alimentar na qual o que você tem para oferecer é colocado diante do estudante ou do supervisionando para que ele escolha o que lhe convém. Considero que se deve deixar que a riqueza e o poder das suas ideias a respeito do material clínico atuem, de modo que a coisa torne-se palatável à pessoa que está sendo supervisionada, e, também, que você deve tentar evitar qualquer tipo de imposição das suas ideias. [...] Por esta razão, é muito importante se debruçar no material clínico, e não ficar vagando por situações teóricas.

(“Meltzer: sobre a supervisão”, uma entrevista por Robert e Mirta Oelsner, 2005).

Outra razão que Meltzer dá para que se foque no material clínico, mais do que em interpretações e teorias, é que isso é “não-ameaçador” para o supervisionando, pois é muito fácil cair na posição de “doutor do material, de modo a fazer suas interpretações parecerem corretas e adequadas”. Isto é o equivalente da transferência pré-formada na análise: ela é uma barreira à experiência.

Finalmente, gostaria de terminar com algumas palavras de uma das últimas palestras públicas que Meltzer proferiu a um grande número de pessoas; ela foi realizada em Barcelona, (creio que) em 2002. Quando lhe perguntaram sobre qual era título de sua palestra, ele disse: “Eu não sei – eu ainda não dei a palestra.” Ele encontrou o título no final da sua fala, quando estava comentando sobre um de

seus heróis naquele momento, ou seja, o general Kutuzov, de *Guerra e paz*, e sobre as táticas militares que ele usou para atrair as forças inimigas ao deserto congelado onde morreram. Ele comparou isso à forma como o “inimigo” da verdadeira experiência analítica é vencido – pelo (aparentemente) não fazer nada. Desta forma ele denotava que se deixasse aos objetos internos fazerem o “fazer”. Ele disse:

Bom, é isso. O inimigo está recuando – e não graças à sua sabedoria, mas por conta da própria loucura, por terem tentado capturar um espaço congelado e terem conseguido congelar a si mesmos no processo. Esse é o tipo de jogo que se está jogando. A sobrevivência neste tipo de jogo depende do que é chamado de boa sorte. Boa sorte. E quando você traduz “boa sorte”, significa a confiança em seus objetos bons. Boa sorte para a sobrevivência que você nunca poderia ter planejado e que aconteceu apesar de toda a sua astúcia e engenhosidade.

E então, neste ponto, ele percebeu qual era o título da sua palestra. Ele disse: “Este é o nome desta palestra: Boa sorte!”

LIVROS DE DONALD MELTZER

1967 **The psychoanalytical process** [*O processo psicanalítico* - 1971]

É um processo que tem uma “história natural”, que se inicia com a colheita da transferência e que, em seguida, progride através da ordenação das confusões geográficas e zonais até alcançar o limiar da posição depressiva, sendo completado pelo processo de desmame.

1973 **Sexual states of mind** [*Estados sexuais da mente* - 1979]

A sexualidade se manifesta no infantil, no adulto, ou nos estados perversos da mente, de acordo com a fantasia subjacente inconsciente da cena primária.

1975 **Explorations in autism** [*Exploración del autismo* - 1979]

(Com John Bremner, Shirley Hoxter, Doreen Weddell, Isca Wittenberg). Traz casos de crianças, supervisionados por Meltzer, demonstrando tentativas comoventes de se mitigar o intenso impacto emocional dos objetos no espaço

mental. Relevante não só para o autismo, mas para a nossa compreensão do conflito psíquico em geral.

1976 (com Martha Harris; publicado em francês, italiano e espanhol). **The educational role of the family** (publicado em 2013); foi publicado pela primeira vez em Inglês como *A psychoanalytical model of the child-in-the-family-in-the-community* (1994). Trata-se do “aprender com a experiência” de Bion, aplicado à família e a situações educativas.

1978 **The kleinian development** (*O desenvolvimento kleiniano*. 3 volumes: O desenvolvimento clínico de Freud [1989]; Richard, semana-a-semana [1990]; O significado clínico da obra de Bion [1998]). Estes livros resultam das palestras sobre a história psicanalítica originalmente proferidas a estudantes na Tavistock. Meltzer enxerga tal sequenciamento de pensamento como inerentemente lógico, mas vê uma divisão em Freud, entre o teórico e o clínico. Klein acrescenta um modelo teológico; Bion, um modelo epistemológico.

1983 **Dream life: A re-examination of the psychoanalytical theory and technique**. [*Vida onírica: Una revisión de la teoría y de la técnica psicoanalítica* - 1987]

Os sonhos não são apenas quebra-cabeças a serem decodificados, os resultados de um trauma passado ou uma realização de desejo, mas a tentativa da psique de se orientar para a realidade (interna e externa).

1986 **Studies in extended metapsychology: Clinical applications of Bion's ideas**. [*Metapsicología Ampliada: Aplicaciones clínicas de las ideas de Bion* - 1990]

Enfatiza a distinção essencial entre as mentalidades de pensamento e as de não-pensamento, em grupos e dentro do indivíduo. Discute uma variedade de casos clínicos de colegas acerca da primeira infância.

1988 **The apprehension of beauty: The role of aesthetic conflict in development, art and violence** (com Meg Harris Williams). [*A apreensão do belo: O papel do conflito estético no desenvolvimento, na violência e na arte* - 1995]

O conflito estético se origina no nascimento, em resposta ao enigma das

ações e humores da mãe. O livro investiga as implicações do entendimento do processo psicanalítico como um objeto estético (ponto de vista este realizado pela primeira vez em O processo psicanalítico) e introduz uma concepção da psicanálise como uma forma de arte, tecendo analogias com a crítica literária.

1990 **The Claustrom: An investigation of claustrophobic phenomena.**

[*O Claustro: Uma investigação dos fenômenos claustrofóbicos* - 2015]

Em vez de instintos de vida e de morte, Meltzer observa 3 mundos narcisistas distintos com relação às fantasias de se viver em uma mãe interna compartimentada.

Para uma bibliografia completa dos escritos de Meltzer ver:
www.harris-meltzer-trust.org.uk

ALGUNS CONCEITOS MELTZERIANOS

Transferência pré-formada e colheita da transferência. Distinguir a transferência verdadeira (a relação atual) dos preconceitos trazidos pelo analisando pode bloquear a comunicação ou seduzir o analista. (*The psychoanalytical process*)

O seio-latrina. Uma função essencial do seio enquanto objeto mais antigo. (*The psychoanalytical process*)

Identificação projetiva e intrusiva. Distinção entre identificação projetiva comunicativa (essencial para o desenvolvimento) e tentativas patológicas de controlar a mãe/objeto. (*Studies in extended metapsychology*)

Identificação adesiva. Conceito de Bick iluminado pelo trabalho com crianças autistas que “desmantelam” o seu objeto; algo distinto de atacar ou invadir o objeto. (*Explorations in autism*)

Conflito estético. Um conceito extraído da poesia; visto como a chave para o desenvolvimento mental. Ao invés de instintos de vida e de morte inatos,

temos a tensão entre o amor e o ódio da mãe/objeto, começando no nascimento. (*The apprehension of beauty*)

Objeto combinado. Observado e formulado pela Sra. Klein, que o via como um conceito bastante obscuro, opressor; foi adaptado por Meltzer em associação com a “mudança catastrófica” de Bion para representar uma força de desenvolvimento necessária e benéfica. (*The kleinian development*)

Sexualidade. De acordo com Freud, a chave para tudo; mas Meltzer diferencia perversidade de exploração psicosexual, especialmente no caso de adolescentes, e vê a fantasia inconsciente – não a ação – como a chave para o seu significado. (*Sexual states of mind*).

O Claustro. Uma expansão e elaboração da identificação intrusiva em 3 áreas do corpo da mãe interna: genital, retal e cabeça-seio. (*The Claustrom*)

Pseudomaturidade. O resultado de viver na câmara cabeça-seio do Claustro, intolerante à ignorância.

Tiranía. Resultado sadomasoquista de viver na câmara retal do Claustro.

Vida onírica e formação de símbolos. A visão de Meltzer quanto a estágios no pensamento (reforçada pela Grade de Bion) é fundada firmemente sobre o drama dos objetos-parciais kleinianos (corpo da mãe ou do pai) atuando como protagonistas em um “teatro de fantasia”. (*Dream life and Studies in extended metapsychology*)

O sonho contratransferencial. Equivalente de Meltzer a “rêverie” de Bion – é o estado de espírito necessário para o trabalho psicanalítico quando se trata de uma comunicação mútua que ocorre no presente. Baseia-se na comunicação mãe-bebê. Conferir em Meg Harris Williams (2005). (*The vale of soulmaking*)

FONTE: <http://www.artlit.info/pdfs/MeltzerIntro.pdf>